

# ECONOMIA E SOCIEDADE EM SCHUMPETER: AS FUNDAÇÕES DA SOCIOLOGIA ECONÔMICA SCHUMPETERIANA A PARTIR DE SWEDBERG E SHIONOYA

Bruno Pacheco Heringer<sup>1</sup>  
Áquila Mendes<sup>2</sup>

## RESUMO:

Este artigo tem por objetivo resgatar uma parte da obra de Schumpeter que tem sido relativamente pouco explorada, qual seja, sociologia econômica. Se tratando de uma análise heterodoxa dos fenômenos econômicos pela ótica de instituições em evolução, são esboçadas considerações acerca de seu método, metodologia e tópicos de estudo a partir das leituras de Richard Swedberg e Yuichi Shionoya, dois autores de relevância para a compreensão do campo. Tendo em vista que foi aplicada por Schumpeter sobremaneira para compreender o capitalismo, as discussões de Swedberg e Shionoya acerca da sociologia econômica schumpeteriana nos permitiu sugerir um programa de pesquisa de nove pontos concebíveis para sua aplicação e desenvolvimento ulterior.

**Palavras-chave:** Schumpeter; Sociologia Econômica; Swedberg; Shionoya; Capitalismo.

## ABSTRACT:

This paper has by goal recovering a part of Schumpeter's work which has been relatively little explored, namely, economic sociology. Given it's a heterodox analysis of economic phenomena through the lens of institutions in evolution, considerations regarding its method, methodology and subjects of study are sketched from the readings of Richard Swedberg and Yuichi Shionoya, two authors of relevance for comprehending the field. Since it's been applied by Schumpeter mostly to comprehend capitalism, Swedberg's and Shionoya's discussions of schumpeterian economic sociology allowed us to suggest a nine-point research program for its conceivable applications and further development.

**Keywords:** Schumpeter; Economic Sociology; Swedberg; Shionoya; Capitalism.

Data da submissão: 18-11-2024

Data do aceite: 30-04-2025

## 1. INTRODUÇÃO

No âmbito das contribuições econômicas heterodoxas, em linhas gerais, é notório que as investigações têm por pano de fundo o capitalismo enquanto formação social com determinadas características e cuja dinâmica deve ser lida nessa perspectiva. Um dos autores

<sup>1</sup> Mestre em Economia Programa de Pós-Graduação em Economia Política (PUC-SP). heringer.bruno@outlook.com

<sup>2</sup> Doutor em Economia Política / Professor no Programa de Pós-Graduação em Economia Política (PUC-SP). aquilasmendes@gmail.com

que o analisaram expressivamente foi Joseph Schumpeter, especialmente lembrado por suas contribuições para os campos do desenvolvimento econômico e ciclos econômicos.

Sua teoria do desenvolvimento econômico trouxe uma série de qualificações às construções conceituais que subjazem o paradigma ortodoxo. Longe de ser um processo de arbitragem de ganhos em que os produtores adequam suas decisões às necessidades dos consumidores, o capitalismo seria um sistema inerentemente dinâmico e desequilibrador. Os empresários inovadores, ao introduzirem inovações de produto e processo, ensejam desvios da trajetória meramente quantitativa do crescimento, criando oportunidades de lucro em rupturas na cadeia de negócios, tomando a forma do desenvolvimento (SCHUMPETER, 1949). As consequências desse processo evocam também sua teoria de ciclos econômicos. Visto que as inovações empresariais de produto e processo ocorrem de maneira descontínua e apenas gradualmente são imitadas por outros produtores, o capitalismo é marcado por ciclos de expansão e contração decorrentes de geração de inovações de produto e processo que são, posteriormente, “absorvidas” pelos produtores imitadores (SCHUMPETER, 1939).

Contudo, por trás dessas contribuições de ordem sobremaneira analítica, existem certas condições institucionais necessárias para a ocorrência dos processos supramencionados. Isto é, caberia especular de que modo as sociedades capitalistas não constituem meros complexos de indivíduos isolados voltados a maximização de utilidade ou lucro, como formações históricas específicas que condicionam os comportamentos e implicam determinadas conexões causais.

Argumentamos que Schumpeter contribuiu efetivamente para a compreensão dos processos econômicos tendo em vista sua relatividade histórica por meio do campo, relativamente pouco explorado na literatura acerca de sua obra, da sociologia econômica. Ela constitui uma investigação institucional dos processos econômicos, considerando a natureza histórica e evolucionária dos sistemas econômicos.

Considerando que uma adequada compreensão da obra de Schumpeter perpassa a contextualização de suas contribuições no campo da sociologia econômica, foram identificados dois autores que discutiram mais detidamente a sociologia econômica schumpeteriana na literatura internacional: Richard Swedberg e Yuichi Shionoya.

Swedberg é um sociólogo sueco cujas contribuições se encontram nos campos da teoria social e sociologia econômica. Neste caso em particular, foi organizador de diversas obras sistematizando suas fundações e aplicações, publicando livros sobre autores nessa perspectiva, dentre os quais Max Weber, Alexis de Tocqueville e Joseph Schumpeter, inclusive tendo autorado uma biografia de Schumpeter nos anos 1990 (CORNELL UNIVERSITY, 2024).

Shionoya foi um economista japonês e tradutor de *Teoria do Desenvolvimento Econômico* de Schumpeter para sua língua, o qual contribuiu para os campos da filosofia econômica, economia do bem-estar e economia evolucionária, sendo que, referente ao último campo, foi presidente da *International Schumpeter Association* no início dos anos 1990 e se debruçou sobre a influência da Escola Histórica Alemã sobre a obra de Schumpeter enquanto fazia apontamentos da importância de suas contribuições para uma leitura mais ampla da ciência econômica compreendida nos termos de sociologia econômica (YAMAWAKI, 2015).

O objetivo principal deste artigo, portanto, é identificar o modo como Swedberg e Shionoya resgataram a sociologia econômica de Schumpeter ao explanarem seu método, metodologia e tópicos de estudo. Com relação aos dois primeiros, Shionoya (1997) pontua que, ao passo que o método corresponde aos procedimentos para elaboração de modelos e teorias, a metodologia consistiria na justificativa dos métodos empregados.

Tendo em vista que o capitalismo constituiu o objeto de estudo principal da vida de Schumpeter, uma investigação deste campo será mais frutífera ao identificarmos, amparando-nos nas discussões de Swedberg e Shionoya, o modo como poderia ser realizada uma análise do capitalismo nos termos da sociologia econômica schumpeteriana.

Para tanto, o presente artigo está organizado em cinco seções. Além desta introdução, a segunda seção discute a interpretação de Swedberg acerca da sociologia econômica schumpeteriana, destacando seus possíveis tópicos de estudo. A terceira seção introduz a discussão de Shionoya, o qual enfatizou as conexões da sociologia econômica schumpeteriana para com o programa de pesquisa da Escola Histórica Alemã. Na quarta seção sugerimos um programa de pesquisa schumpeteriano em sociologia econômica com base na discussão de Swedberg e Shionoya em torno da dinâmica do capitalismo, finalizando com uma última seção de considerações acerca da relevância do resgate e aprofundamento da sociologia econômica de Schumpeter como chave para adequada compreensão do capitalismo.

## 2. A SOCIOLOGIA ECONÔMICA SCHUMPETERIANA SEGUNDO SWEDBERG

A literatura internacional contemporânea tem direcionado pouca atenção à leitura schumpeteriana da sociologia econômica e a posição que ocupa no conjunto de sua obra, a exceção residindo em alguns escritos de Richard Swedberg e Yuichi Shionoya. Começaremos indicando a perspectiva de Swedberg acerca das fundações do campo em questão.

Swedberg (1995) explica como a obra de Schumpeter se encontra em um pano de fundo interdisciplinar. Haveria uma tradição em que a economia seria vista em um contexto mais amplo, no qual o fenômeno econômico apresenta interrelações com outras esferas sociais. Tal abordagem pode ser designada por *Sozialökonomie* (socioeconomia), e foi importante elemento para a formação de Schumpeter, se apresentando desde sua segunda obra, *Teoria do Desenvolvimento Econômico*. A seguinte definição é sugerida:

Por ‘socioeconomia’ nesse contexto, quero dizer o seguinte: ‘uma visão geral do processo econômico, cuja principal característica é de que esse processo pode ser compreendido, em última instância, apenas como uma expressão de uma interação entre elementos econômicos e sociais’ (SWEDBERG, 1995, p. 531, tradução nossa).

A socioeconomia, segundo Swedberg (1995), apresentaria três vertentes: uma delas remetendo a Jean-Baptiste Say, designando o estudo das relações sociais, a economia sendo apenas uma esfera particular; a segunda tem origem alemã, tendo como expoentes Eugen Dühring, Heinrich Dietzel e Max Weber, empregando diversas disciplinas sociais para analisar a esfera de relações econômicas; por fim, uma terceira vertente se encontra na obra de Walrás, em que uma dimensão ética é adicionada à socioeconomia. Ainda segundo ele, Schumpeter teria sido influenciado, sobretudo, pelo segundo paradigma de socioeconomia.

O termo “sociologia econômica” aponta, conseqüentemente, para uma parte desse campo em que os interesses de estudo de economistas e sociólogos se interceptariam<sup>3</sup>. Economia e sociologia apresentam, nesse sentido, um ponto de contato e uma diferença. Analiticamente, ambas empregam a mesma operação de conceitualização, e apenas em um momento posterior a coleta de dados; isso as isolaria dos estudos puramente históricos ou etnológicos, os quais

<sup>3</sup> Swedberg (1991a) delinea três principais correntes da sociologia econômica: Alemã, com origem nas contribuições da Escola Histórica Alemã, seu ápice tendo sido a obra de Weber; Francesa, a qual tem origem em Saint-Simon e Comte, e culmina Durkheim e seus seguidores; e Americana, as principais referências sendo Talcott Parsons e Neil Smelser.

iniciam com a coleta de dados. Contudo, um aspecto metodológico que as diferencia é que, ao passo que a economia se vale do individualismo metodológico<sup>4</sup> em suas investigações, a sociologia, por estudar o fenômeno social como algo *sui generis*, prescinde dessa abordagem (SWEDBERG, 1989).

A sociologia econômica apresentaria, por outro lado, uma diferença fundamental em relação à teoria econômica. Enquanto esta estuda o comportamento econômico “congelando” o arcabouço social, a sociologia econômica como que faz o procedimento contrário, tendo por foco justamente o arcabouço social que condiciona o comportamento econômico; nesse sentido, a sociologia econômica se aproximaria da história econômica (SWEDBERG, 1995). Por sua vez, o conceito de ‘instituição’ não se reduz apenas a uma dimensão “legal”, também englobando todos aqueles comportamentos e ações induzidos por normas e sanções<sup>5</sup>, de modo que são as unidades supraindividuais que interessam (SWEDBERG, 1991b).

Para melhor compreender a distinção entre teoria econômica e sociologia econômica, o Quadro 1 a seguir sistematiza o modo como Swedberg identifica os temas de estudo de cada qual.

**Quadro 1 - Tópicos de Estudo da Sociologia Econômica e Teoria Econômica.**

<p>I. Sociologia Econômica</p> <p>Foco principal: O arcabouço institucional do processo econômico.</p> <p>Herança, propriedade, contrato, governo (especialmente tributos, dívida pública, política tarifária e regulações governamentais), imperialismo, nação, origem econômica das cidades.</p>
<p>II. Teoria Econômica</p> <p>Foco principal: Os mecanismos econômicos que operam dentro do arcabouço institucional da economia.</p> <p>Preço, valor, aluguel, comércio exterior, o empresário, inovações, consumo, produção, crédito, atividade bancária, juros, investimentos, o mercado, capital, poupança, lucro, desenvolvimento econômico.</p>
<p>III. Tópicos Pertencentes a Teoria Econômica e Sociologia Econômica</p> <p>Moeda, população, salários, ciclos econômicos, economia do bem-estar, sistemas econômicos como totalidades (socialismo, capitalismo, e assim sucessivamente), classes.</p>

Fonte: Adaptado de Swedberg (1989, p. 515, tradução nossa).

Conforme o quadro, Schumpeter teria traçado uma distinção clara entre teoria econômica e sociologia econômica, permitindo a identificação dos tópicos de estudos que pertencem a cada campo. Por um lado, a teoria econômica abordaria os processos econômicos ao tomar o arcabouço institucional como dado, e por outro a sociologia econômica estudaria a interação entre instituições e economia, em que aquelas não mais seriam dadas. Isso inclui a identificação de tópicos que, conforme a percepção de Schumpeter, poderiam ser objeto de investigação de ambas, como, dentre outros, moeda e os sistemas econômicos.

No entanto, há que se notar certa ambiguidade na distinção, conforme apontado por Swedberg (1989), uma vez que certos tópicos em princípio exclusivos da teoria econômica poderiam ser estudados também pela sociologia econômica. Segundo ele, isso se deve ao fato

<sup>4</sup> O individualismo metodológico não deve ser confundido com o individualismo político. O primeiro designa que o fenômeno social (e econômico) é resultante de ações individuais, de modo que o indivíduo é a unidade fundamental de análise; por outro lado, o individualismo político é um postulado normativo que faz uma defesa dos interesses individuais acima dos coletivos (SCHUMPETER, 2010). Segundo Machlup (1951) foi Schumpeter quem teria cunhado o termo ‘individualismo metodológico’.

<sup>5</sup> Pode-se referir, respectivamente, a instituições formais e informais nesse sentido.

de Schumpeter ter traçado uma distinção demasiado forte entre ambas, a ponto de distorcer o fato de a própria teoria econômica poder operar com suposições decorrentes de elementos sociais.

Ainda nesse sentido, há que se notar que o paradigma de sociologia econômica de Schumpeter não foi elaborado detidamente pelo autor, estando disperso por seus escritos. É isso que se pode constatar nesse comentário de Swedberg (1993, p. 42, tradução nossa): “Quando, por exemplo, você deveria recorrer a teoria econômica ao invés da sociologia econômica? E como você conecta um tipo de análise a outra? Poucas, se quaisquer, respostas a esse tipo de pergunta podem ser encontradas nas obras teóricas de Schumpeter”.

Segundo Swedberg (1989), Schumpeter teria sido inspirado a essa leitura mais ampla da economia por três correntes que lhe formaram: Austríaca, Marxista e a Escola Histórica. Em particular, a terceira corrente lhe propiciou as bases para sua sociologia econômica, com ênfase na Mais Jovem Escola Histórica<sup>6</sup>; a principal contribuição da sociologia econômica seria dar uma solução para a *Methodenstreit*<sup>7</sup>. Swedberg (1989) ainda relata sua proximidade com Spiethoff (de quem era amigo por muitos anos), e Sombart e Weber (com os quais trabalhou em um importante periódico, o *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*). No caso de Weber, havia grande concórdia entre ele e Schumpeter, na medida em que ambos defenderam o postulado da neutralidade axiológica, o qual entende a ciência social como livre de juízos de valor.

De fato, ele assim reconhece sua origem em um dos principais autores da Mais Jovem Escola Histórica:

A obra e ensinamento (de Weber) tinha muito a ver com o surgimento da Sociologia Econômica no sentido de uma análise das instituições econômicas, o reconhecimento da qual esclarece muitos problemas metodológicos<sup>8</sup> (SCHUMPETER, 1954, p. 819 *apud* SWEDBERG, 1989, p. 510, tradução nossa).

Haveria três tópicos principais na sociologia econômica schumpeteriana: imperialismo, finanças públicas e o capitalismo<sup>9</sup>. Acerca do capitalismo, Schumpeter apontaria para sua natureza evolucionária que, como qualquer sistema social, passaria por transformações ocasionadas pela sua própria operação. Mais além, o capitalismo viria a se transformar em virtude do seu sucesso, e não de qualquer fracasso econômico. Esta tese da transformação do sistema está em linha com

<sup>6</sup> Usualmente, a Escola Histórica Alemã é apresentada em três fases que correspondem dos membros fundadores aos seguidores e revisionistas da corrente, assim sendo visualizadas: a Mais Velha Escola Histórica, cujos principais membros são Wilhelm Roscher, Bruno Hildebrand e Karl Knies; a Jovem Escola Histórica, com o principal representante da corrente, Gustav von Schmoller, além de Georg Knapp, Lujo Brentano, Karl Bücher e Adolf Held; e a Mais Jovem Escola Histórica com Max Weber, Werner Sombart e Arthur Spiethoff (SCHUMPETER, 1955). Pode-se dizer que a Mais Jovem Escola Histórica corresponde a geração algo revisionista, permanecendo mais predisposta à articulação teórica.

<sup>7</sup> Refere-se à “disputa dos métodos” entre seus dois protagonistas: Carl Menger e Gustav von Schmoller. Resumidamente, a controvérsia se deveu a que Menger enfatizava o caráter teórico/abstrato da ciência econômica, contrariamente a Schmoller, o qual via no estudo histórico a principal ferramenta de investigação do economista. É interessante notar que Schumpeter (1955, p. 814, tradução nossa) tem uma postura conciliadora da controvérsia, afirmando se tratar de “energias desperdiçadas, que poderiam ter sido voltadas a melhor uso”. Poder-se-ia argumentar, para antecipar a posição de Shionoya exposta na seção seguinte, que sua sociologia econômica seria uma forma de conciliar teoria e história.

<sup>8</sup> O próprio Schumpeter (1991a) escreve um obituário em 1920 quando da morte de Weber, exaltando, dentre as diversas contribuições do autor, seu tratamento da metodologia das ciências sociais. Além disso, Swedberg (1991b, p. 93, tradução nossa) salienta que “já sabemos que Schumpeter havia tomado emprestado a noção de *Sozialökonomik* de Weber e que Weber foi instrumental na criação do campo da sociologia econômica, na qual Schumpeter depois se tornaria interessado”.

<sup>9</sup> O primeiro tópico foi tratado por Schumpeter em *The Sociology of Imperialisms (Zur Soziologie der Imperialismen)* em 1918/1919, ao passo que também havia escrito um ensaio acerca das finanças públicas nessa perspectiva em *The Crisis of the Tax State (Die Krise des Steuerstaates)* em 1918. Já o tópico sobre capitalismo foi elaborado sobremaneira em *Capitalismo, Socialismo e Democracia* em 1942.

a ciência social alemã, englobando obras como ‘O Capital’ de Marx, ‘O Capitalismo Moderno’ de Sombart e ‘Economia e Sociedade’ de Weber (SWEDBERG, 1989).

Swedberg (2002), em sua leitura do que Schumpeter entenderia pela transformação institucional sofrida pelo capitalismo, pontua que o processo capitalista é marcado por crescentes racionalização e burocratização. O primeiro resultado disso é que ele dissemina um “espírito crítico” por sua própria operação, levando tanto a obsolescência da função empresarial em virtude da especialização em grandes unidades produtivas, quanto à despersonalização dos contratos e propriedade. Também a atmosfera social gerada pelo capitalismo dissemina certos hábitos e ideias cujos resultados são o enfraquecimento dos motivadores da ação empresarial, como a fragmentação da unidade familiar. Veremos na quarta seção mais detidamente essa análise de Swedberg.

### 3. A SOCIOLOGIA ECONÔMICA SCHUMPETERIANA SEGUNDO SHIONOYA

Na exposição de Shionoya (1997), o desenvolvimento da sociologia econômica na obra de Schumpeter teve como pano de fundo os resultados da *Methodenstreit*, em que os métodos teórico e histórico seriam crescentemente separados no escopo da ciência econômica. Ao invés disso, Schumpeter argumentou que ambas as abordagens são legítimas, a escolha do método dependendo da natureza do problema de pesquisa do cientista social. Ainda que a princípio este instrumentalismo metodológico tenha sido empregado para defender a economia teórica na academia alemã dominada pelo historicismo, Schumpeter finda por escrever um ensaio acerca de Schmoller no qual defende que sua sociologia econômica almejava uma necessária integração entre teoria e história, ou o emprego alternado de indução e dedução.

Shionoya, (1997, p. 50, grifo nosso, tradução nossa) assim define o tipo de interrelação que interessa à sociologia econômica de Schumpeter:

[...] ela resume as interações entre áreas econômica e não econômica ao focar nos fatores institucionais que são intimamente associados com as atividades econômicas. Nesse sentido, a sociologia econômica é uma aproximação do *estudo do desenvolvimento sociocultural*.

Essa análise institucional da história econômica, tipificando-a, Schumpeter também denominou de história raciocinada ou *histoire raisonnée* (SHIONOYA, 2002). O Quadro 2 a seguir sistematiza a posição da sociologia econômica dentro da socioeconomia de Schumpeter na interpretação de Shionoya.

**Quadro 2 - Sistematização da Socioeconomia Schumpeteriana.**

Escopo	Método				Sistema Teórico
	Teoria	Estatística	História	Instituição	
Estática	Método Primário				Estática Econômica
Dinâmica	Método Primário	Método Suplementar	Método Primário		Dinâmica Econômica
Desenvolvimento Sociocultural	Método Primário		Método Primário	Método Suplementar	Sociologia Econômica

Fonte: Adaptado de Shionoya (1997, p. 49, tradução nossa).

Shionoya (1997) identifica, conforme o quadro, que Schumpeter elaborou três sistemas teóricos, os quais lidariam com diferentes fenômenos socioeconômicos. A estática econômica lidaria com os processos econômicos rotineiros, empregando a teoria como principal método de estudo, instrumental esse presente em sua primeira obra de 1908<sup>10</sup>. A dinâmica econômica, elaborada em *Teoria do Desenvolvimento Econômico* e sua obra de ciclos de negócios, compreende o fenômeno do desenvolvimento econômico e seus efeitos cíclicos, compreendido principalmente por meio dos métodos teórico e histórico, podendo ser complementado pelo método estatístico. Por fim, teoria e história compreendem os principais métodos da sociologia econômica, complementado pelo método de estudo institucional.

De fato, a sociologia econômica de Schumpeter teria por obras representativas *Capitalismo, Socialismo e Democracia* e três ensaios publicados em 1918, 1918-1919 e 1927, abordando nestas três, respectivamente, os tópicos do Estado tributário, imperialismo e classes sociais (SHIONOYA, 1997).

É importante notar o papel das instituições no contexto da sociologia econômica schumpeteriana. Por ‘desenvolvimento sociocultural’ ele entende o resultado das interações entre as forças sociais e econômicas, sendo que as instituições não podem ser lidas, por um lado, nem apenas como estruturas supraindividuais que constroem os membros da sociedade, nem apenas como derivadas das ações autônomas de indivíduos, por outro; por assim dizer, individualismo e holismo metodológicos devem se complementar. Por sua vez, essas instituições são o objeto de estudo imediato da sociologia econômica, as quais devem ser entendidas não apenas com natureza jurídica, como também costumes, normas morais e valores. Por fim, o conceito de ‘instituição’ apresenta, ao mesmo tempo, universalidade e particularidade, uma vez que não faria sentido tipificar instituições se todas fossem idênticas, do mesmo modo que seria inconcebível tipificá-las se fossem absolutamente individuadas<sup>11</sup> (SHIONOYA, 1997).

A origem dessa abordagem estaria nas contribuições da Escola Histórica Alemã, sendo que Schumpeter “estimou particularmente o programa de pesquisa de Schmoller como um protótipo da sociologia econômica [...]” (SHIONOYA, 2002, p. 139, tradução nossa). A seguinte colocação enfatiza o legado da Escola Histórica na sociologia econômica de Schumpeter:

Ao contrário da visão convencional, eu acredito que Schumpeter deveria ser reconhecido como um dos sucessores da Escola Histórica Alemã porque ele tentou uma reconstrução racional daquela escola, especialmente o programa de pesquisa de Schmoller, em termos de sociologia econômica e fez sua própria contribuição a partir dessa perspectiva (SHIONOYA, 2005, p. 3, tradução nossa).

<sup>10</sup> Nos referimos a *Das Wesen und der Hauptinhalt der Nationalökonomie*.

<sup>11</sup> Como um exemplo, o tipo ‘empresário’ é definido em termos da execução de novas combinações na esfera econômica (inovações); este é o aspecto “universal”. Porém, em se tratando de um tipo que é historicamente moldado pelas condições de uma localidade em certo tempo, apresenta diferentes manifestações a depender do arcabouço institucional no qual age (ou outras classificações), estas sendo as formas “particulares” nas quais o tipo se apresenta. Schumpeter (1991b) indica quatro classificações diferentes que podemos dar ao tipo empresário: (i) institucional, como as formas da companhia comercial medieval, “companhias fretadas”, parceria e a “corporação” moderna; (ii) segundo esfera de atuação, podendo ser comercial, industrial ou financeira; (iii) sociológica, como os senhores feudais, proprietários aristocráticos, funcionários públicos, fazendeiros, trabalhadores, artesãos ou aqueles que pertencem às profissões liberais; e (iv) conforme a função e motivador presente, podendo ser a capacidade organizacional, superação da resistência social, ou mesmo habilidades de venda. Um exemplo da primeira classificação pode ser visto na execução de inovações patrocinada por órgãos do governo, conforme apontado por ele: “[...] a função empresarial não precisa ser incorporada em uma pessoa física e, em particular, em uma única pessoa física. [...] a prática dos fazendeiros neste país tem sido revolucionada recorrentemente pela introdução de métodos elaborados no Departamento de Agricultura e pelo sucesso do Departamento de Agricultura em ensinar esses métodos. Nesse caso, então, foi o Departamento de Agricultura que agiu como um empresário” (SCHUMPETER, 1951, p. 255, tradução nossa).

Schumpeter teria reconstruído o programa de pesquisa de Schmoller em termos de sociologia econômica tendo em mente três aspectos: formal, substantivo e metodológico (SHIONOYA, 1997).

O aspecto formal se refere ao método utilizado por Schmoller na construção de suas hipóteses historicamente originadas. Os três passos seriam a coleta dos dados, sua classificação e a explicação em termos causais dos fenômenos. Assim, Schmoller preferia leituras hipotético-dedutivas das correntes clássica e neoclássica em prol da alternância entre pesquisas histórica e teórica como forma de avançar o conhecimento. Essa interação entre teoria e história serviria de base para a formulação da sociologia econômica schumpeteriana (SHIONOYA, 1997; SHIONOYA, 2005).

Já o aspecto substantivo corresponde aos elementos constitutivos do fenômeno social/econômico observado. Shionoya (2005) aponta como Schumpeter teria indicado seis elementos que caracterizam a Escola Histórica: (i) crença na unidade da vida social; (ii) interesse no desenvolvimento; (iii) visão da sociedade em termos holísticos; (iv) reconhecimento da pluralidade dos motivadores humanos; (v) interesse na individualidade dos eventos, e não na sua generalidade; e (vi) relatividade histórica (SCHUMPETER, 1954). Schumpeter admitiu sem ressalvas os dois primeiros elementos, reconheceu alguma validade dos elementos (iii) e (iv), rejeitando por completo os dois últimos elementos (SHIONOYA, 2005).

Em linhas gerais, os elementos (i) e (ii) apontam para uma leitura dinâmica do fenômeno econômico, visualizado as condutas econômicas sob condicionantes socioinstitucionais em um processo evolucionário. Assim, Shionoya (1997, p. 203) o cita:

[...] o relato histórico não pode ser puramente econômico, mas deve inevitavelmente refletir também fatos ‘institucionais’ que não são puramente econômicos; portanto, ele provê o melhor método para entender como os fatos econômicos e não-econômicos *são* relacionados uns aos outros e como as diversas ciências sociais *deveriam* ser relacionadas umas às outras (SCHUMPETER, 1955, p. 13, tradução nossa, grifo do autor).

No elemento seguinte, Schumpeter reinterpreta a leitura historicista da sociedade como realidade *sui generis*, ao invés disso adotando como que um “meio termo”, em que os agentes econômicos não agiriam em um vácuo institucional, suas condutas sendo, em parte, moldadas pelo meio; nesse sentido, o elemento (iv) serviria de complemento, em que as condutas econômicas não seriam vistas como resultado exclusivo de agentes maximizadores de utilidade. Relacionado aos elementos (iii) e (iv), Shionoya (2005, p. 20) também o cita:

a escola [Histórica Alemã] professou estudar todas as facetas de um fenômeno econômico; portanto, todas as facetas do comportamento econômico e não meramente sua lógica econômica; portanto, a totalidade das motivações humanas como historicamente exibido, aqueles especificamente econômicos não mais do que o restante para o qual o termo ‘ético’ foi empregado, presumivelmente porque aparenta ressaltar componentes supraindividuais (SCHUMPETER, 1955, p. 812, tradução nossa).

Por fim, os dois últimos elementos rejeitados colocariam um obstáculo praticamente insuperável na articulação de explicações causais para os fenômenos econômicos (SHIONOYA, 1997). A forma como Schumpeter enxergava os pontos (v) e (vi) é resumida por Shionoya (2005, p. 106, tradução nossa):

De acordo com Schumpeter, Schmoller estava interessado na história não em virtude de sua individualidade ou relatividade, mas apenas por ser a fonte do conhecimento. Porém, em adição a esta apreciação da potencialidade de Schmoller pela teoria,



Schumpeter precisava de uma refutação da perspectiva metodológica de Schmoller, porque essa metodologia, de fato, impedia que este [Schmoller] elaborasse trabalho teórico substantivo.

No tocante ao aspecto metodológico, Schmoller advogava que a compreensão do cientista social dependeria de material empírico, toda hipótese levantada sendo pura conjectura *ad hoc*; almejava-se, após extensa coleta de dados, aferir as relações causais dos fenômenos estudados. Schumpeter, por outro lado, foi crítico dessa postura de Schmoller, uma vez que as hipóteses levantadas pelo cientista social não necessariamente teriam de refletir a essência dos fenômenos estudados, sua legitimidade residindo na construção arbitrária de hipóteses como forma de torná-lo inteligível (SHIONOYA, 1997).

Assim, nota-se que a sociologia econômica de Schumpeter traz consigo uma releitura dos principais aspectos do programa de pesquisa da Escola Histórica Alemã, e em particular de Schmoller. Shionoya (2005) identifica como problemas de pesquisa da sociologia econômica schumpeteriana: teoria geral da inovação; teoria de classes sociais; teoria de valores sociais; teoria do *Zeitgeist* ou ideologia; e a interação entre esferas econômica e não-econômica. Em linhas gerais, as inovações pressuporiam uma dicotomia entre figuras líderes e seguidoras, dicotomia esta que existe em todas as esferas sociais. O fato de existirem líderes (ou empresários, no caso da esfera econômica) traz implicações sobre a estrutura de classes de uma sociedade, sendo que cada classe apresenta uma função própria (ou valor social) e, a depender do sistema de valores dominante (*Zeitgeist*), se encontra em certa posição relativa na hierarquia social conforme a importância atribuída à função que exerce. O cerne da tese de Schumpeter acerca da transformação institucional do capitalismo estaria atrelado a uma contradição interna:

É possível que valores sociais e o *Zeitgeist* irão conflitar; nesse caso a famosa tese de Schumpeter sobre a derrocada do capitalismo é, resumidamente, reduzida ao argumento de que os valores sociais exigidos pelo capitalismo e o *Zeitgeist* produzido pelo capitalismo podem colidir<sup>12</sup> (SHIONOYA, 1997, p. 228, tradução nossa).

Veremos na próxima seção o modo como Shionoya e Swedberg, ao estudarem a aplicação da sociologia econômica schumpeteriana para entender o capitalismo, propiciam um esboço de programa de pesquisa nesse sentido.

#### 4. UMA SUGESTÃO DE PROGRAMA DE PESQUISA A PARTIR DE SWEDBERG E SHIONOYA

Vimos como Swedberg e Shionoya explicaram a sociologia econômica de Schumpeter no contexto de uma leitura multidisciplinar da ciência econômica, em que as economias reais são visualizadas em termos simultaneamente abstratos e concretos, na medida em que o cientista social possui um arcabouço teórico capaz de lhe fazer entender os fenômenos econômicos em nexos causais, ao mesmo tempo em que assegura sua concretude ao considerar as transformações institucionais e seus impactos sobre as condutas dos agentes econômicos.

Cabe entender como ambos elaboram a tese de Schumpeter nos termos da sociologia econômica. Como visto anteriormente, um dos grandes tópicos de estudo deste campo é o capitalismo compreendido como uma totalidade em evolução. Pode-se argumentar que, uma vez

<sup>12</sup> Essa colocação de Shionoya pode ser compreendida do seguinte modo: o conjunto de normas e instituições necessárias para assegurar a importância relativa da classe burguesa/capitalista (formada pelos empresários bem-sucedidos de outrora) é erodido pelo tipo de conduta que o processo capitalista gera, qual seja, racionalista.

que o capitalismo consistiu no grande problema de estudo de Schumpeter, podemos identificar uma série de problematizações e aplicações particulares que culminariam em um programa de pesquisa de sociologia econômica. Para tanto, pontuaremos o modo como tal projeto poderia ser empreendido em sua aplicação ao capitalismo a partir das interpretações de Swedberg e Shionoya acerca da tese da autodestruição do capitalismo presente na obra de Schumpeter *Capitalismo, Socialismo e Democracia*.

Tendo em vista seu objetivo de articular o programa de pesquisa de Schumpeter em termos de uma economia institucional, Swedberg (1992) discorre acerca dos principais conceitos e questionamentos relevantes levantados por Schumpeter nos quatro capítulos fundamentais da parte dois da obra supramencionada<sup>13</sup>.

No capítulo onze, elenca-se primeiramente o que constitui a civilização do capitalismo, ou suas conquistas práticas, correspondendo tanto aos bens econômicos propriamente quanto aos bens imateriais/culturais, a este adicionando o conflito engendrado pela inércia de elementos pré-capitalistas, com os elementos racionalistas disseminados pelo processo capitalista conflitando com aqueles tradicionais, processo este de racionalização que tem raiz na importância da esfera econômica nesta sociedade (SWEDBERG, 1992).

No capítulo doze, Schumpeter destacaria a mutação da função empresarial com a transição do indivíduo-empresário para a execução do negócio pelo administrador<sup>14</sup>, a necessidade da aliança da burguesia com estrato político que a salvasse, bem como a modificação das percepções das instituições da propriedade e contrato<sup>15</sup> (SWEDBERG, 1992).

No capítulo treze, o destaque fica no que foi designado por ‘atmosfera social’, o que corresponde a noção de economia como uma ciência interpretativa, cujo objeto de estudo difere daquele das ciências físicas em virtude da atribuição de significado às ações de indivíduos, em que tal atmosfera contempla não apenas aquela criada e moldada pelos grupos intelectuais, também considerando a percepção dos indivíduos acerca do próprio capitalismo que, com seu ideal utilitarista, seria incapaz de garantir sua legitimidade percebida (SWEDBERG, 1992).

Por fim, no capítulo catorze a ênfase reside no próprio comportamento econômico ou tipo de agente estudado, aplicado na compreensão da modificação dos motivadores econômicos durante o processo capitalista, atrelado a decrescente significância da dimensão familiar nas ações econômicas (SWEDBERG, 1992).

Dessa forma, Swedberg esboça que a ciência economia poderia se beneficiar dessa leitura mais ampla dos processos econômicos, compreendidos em sua dimensão institucional e evolucionária.

Na sequência, Shionoya (2005) explicou a sociologia econômica de Schumpeter, fazendo referência a *Capitalismo, Socialismo e Democracia*, em cinco submodelos: teoria geral da inovação; teoria de classes; teoria de liderança social; teoria do *Zeitgeist*; e interações entre esferas econômica e não econômicas. A principal tese de Schumpeter na obra considera essa transformação do capitalismo, e é resultado de sua leitura que também contempla as mutações do sistema econômico *per se*, mas a ela não se reduz, se tratando de “um estudo da sociedade

<sup>13</sup> Os quatro capítulos indicados vão do décimo primeiro ao décimo quarto, na edição brasileira correspondendo a “A civilização do capitalismo”, “As paredes desabam”, “Hostilidade crescente” e “Decomposição”.

<sup>14</sup> Sobre a modificação da resistência às inovações e o lado “irracional” da atividade empresarial/inovativa, Swedberg (1992, p. 366, tradução nossa) questiona: “Qual efeito isso teve sobre a teoria econômica?”

<sup>15</sup> Sobre as diferentes percepções da propriedade, variando entre pequenos negociantes, acionistas e empresários, Swedberg (1992, p. 366, tradução nossa) questiona: “E como introduzimos esses fatos ‘sociológicos’ na teoria econômica?”. Sobre a mudança da relação contratual, Swedberg (1992, p. 366, tradução nossa) questiona: “[...] até que ponto as atuais restrições a liberdade contratual afetaram a economia?”

capitalista como um todo na perspectiva da sociologia econômica.” (SHIONOYA, 1997, p. 191, tradução nossa).

Como nota metodológica a tese, Shionoya (1997) salienta que, na relação entre teoria e história, aquela compreendendo a operação abstrata de certo mecanismo e esta sua evolução, se o estudo da origem de um fenômeno por um lado não nos permite compreender sua operação lógica, por outro sua evolução histórica pode modificar sua lógica. Essa percepção aparenta estar presente na discussão metodológica instrumentalista da tese da obra, a qual contempla uma relação única da estabilidade, a princípio, do sistema ser erodida pela instabilidade da ordem<sup>16</sup>, porém, excluindo três outras possibilidades: a instabilidade própria do sistema; sucesso do sistema ocasionar estabilidade da ordem; ou intervenção política que ampare o sistema (SHIONOYA, 1997).

O capitalismo enquanto sistema econômico seria constituído pelo mecanismo de mercado, propriedade privada dos meios de produção e o crédito, e em sua esfera social/institucional possui uma estrutura racionalista da política, ciência, cultura, pensamento, valores e formas de viver, na qual poderia ser inserida estratificação por classes de fazendeiros, negociantes, capitalistas, intelectuais, trabalhadores de colarinho branco e trabalhadores qualificados e não qualificados (SHIONOYA, 1997).

A tese da autodestruição do capitalismo presente na obra mencionada é resumida por Shionoya (1997, 2005) nos seguintes termos, com ênfase no paradoxo apresentado: o capitalismo colapsará sob o peso do seu sucesso econômico, constatação essa que decorre da interação entre a esfera econômica e a esfera social/institucional e que, como consequência do conflito entre a dimensão irracional que enseja a ação empresarial e aquela racional da classe burguesa, a função empresarial é paulatinamente atenuada<sup>17</sup>. Adicionalmente, Shionoya (1997) aparenta, controversamente, a identificar a função empresarial como intimamente associada a figura pessoal do empresário, e na medida em que as inovações são introduzidas por equipes de especialistas, o desenvolvimento econômico seria colocado em xeque.

Também essa dimensão racionalizante modifica a simbiose entre capitalistas e o estrato político, pois aqueles, ocupados de seus interesses privados, dependem da atuação destes para garantir igual predominância política, e o mesmo processo engendra a crítica intelectual que solapa a percepção de legitimidade do sistema (SHIONOYA, 1997).

Assim, a interpretação de Shionoya (2005) é de que, na obra supracitada, Schumpeter traria um estudo do capitalismo sob a ótica da sociologia econômica, com destaque para o conceito de instituições em sua evolução, bem como o potencial conflito entre os valores necessários para a reprodução do capitalismo e seu mecanismo econômico.

A partir das elaborações de Richard Swedberg e Yuichi Shionoya, portanto, podemos visualizar o campo da sociologia econômica, com atenção ao capitalismo, sugerindo um programa de pesquisa schumpeteriano por meio dos seguintes conceitos e métodos: (i) o estudo dos pressupostos sociais e institucionais da existência de um sistema econômico; (ii) o capitalismo deve ser compreendido como uma totalidade, em que processos econômicos e sociais se condicionam e evoluem, tomando em particular as contribuições da Escola Histórica Alemã; (iii) os processos econômicos ocorrem no tempo histórico, contemplando a dimensão de inércia ou *path dependence* em que elementos passados interagem com elementos presentes;

<sup>16</sup> O ‘sistema’ se refere a esfera econômica, enquanto a ‘ordem’ seria a esfera social/institucional.

<sup>17</sup> O paradoxo da tese pode ser colocado sucintamente: “Em outras palavras, o sucesso econômico do capitalismo engendra circunstâncias não econômicas hostis a sua própria operação e favoráveis ao socialismo.” (SHIONOYA, 1997, p. 245, tradução nossa).

(iv) o capitalismo deve ser entendido em termos evolucionários como um processo de modificação e crítica de instituições e processos econômicos, entendido como ‘racionalismo’; (v) a modificação da estrutura das firmas com a transição do capitalismo concorrencial, em que vigoram muitas firmas de pequeno porte, para o capitalismo trustificado com menor número de firmas com maior poder de mercado, exigindo a modificação do instrumental do economista para entender como se dá o desenvolvimento econômico e os ciclos econômicos, assim como a consideração de que podem existir diferentes tipos de firma com diferentes atitudes inovativas; (vi) a captura de políticas por interesses privados, e suas consequências econômicas; (vii) a modificação das relações econômicas que segue a mudança de natureza de certas instituições, exemplificando nos casos da propriedade e contrato; (viii) como a ‘atmosfera social’ condiciona ações econômicas, podendo ser elencada a atuação intelectual que influencia a adoção de determinadas políticas econômicas; e (ix) os condicionantes sociais e institucionais da ação econômica, a qual é moldada e constrangida, dando ênfase a existência de diferentes agentes econômicos de comportamentos diferenciados, em detrimento do agente representativo maximizador com racionalidade plena.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão deste artigo evidenciou que a obra de Schumpeter possui um escopo mais amplo ao servir como fundação para uma análise institucional e evolucionária do capitalismo, entendida nos termos da sociologia econômica. Nesse sentido, as leituras de Richard Swedberg e Yuichi Shionoya nos foram indispensáveis para a compreensão da posição que ocupa a sociologia econômica na obra de Schumpeter. Consistindo em um dos quatro campos que compõem a socioeconomia, a sociologia econômica foi postulada como uma investigação teórico-histórica que opera em grau menor de abstração, e seus diferentes tópicos de estudo identificados mais detalhadamente por Swedberg. Shionoya, por sua vez, enfatizou a inspiração que Schumpeter teve no programa de pesquisa da Escola Histórica Alemã, destacando o modo como Schumpeter teria rearticulado quatro dos seis pontos dessa corrente no âmbito de sua sociologia econômica.

Apesar de Schumpeter ter apenas esboçado uma sociologia econômica nos tópicos do imperialismo e classes sociais, foi referente ao capitalismo que mais desenvolveu sua leitura nesse sentido. Consequentemente, como forma de elaboração ulterior do campo da sociologia econômica schumpeteriana, foi sugerido um programa de pesquisa em nove pontos a partir da discussão de Swedberg e Shionoya da tese da autodestruição do capitalismo na obra *Capitalismo, Socialismo e Democracia*. Em linhas gerais, tal programa de pesquisa contemplaria a esfera econômica como uma parte das estruturas sociais que condicionam/constrangem os comportamentos das unidades econômicas, evocando uma análise da evolução das instituições formais e informais e como esta transformação modificaria as próprias relações econômicas.

Deste modo, o presente artigo, ao destacar o que a literatura internacional nas figuras de Swedberg e Shionoya tem esboçado acerca do campo, pode estimular desenvolvimentos ulteriores por parte de economistas interessados na dimensão social dos fenômenos econômicos em uma perspectiva historicamente sensível, considerando a diversidade de manifestações e interrelações que diferentes instituições no capitalismo podem apresentar, tomando em particular os nove pontos do programa de pesquisa sugerido na penúltima seção. Isso poderia

incluir aprofundamentos das origens da sociologia econômica de Schumpeter sobretudo entre autores da Escola Histórica Alemã, tendo em vista que, se o autor não pôde concluir seu projeto, a investigação de suas influências pode gerar as condições para sua elaboração.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORNELL UNIVERSITY. **Richard Swedberg**. Disponível em: <https://sociology.cornell.edu/richard-swedberg>.

MACHLUP, Fritz. Schumpeter's Economic Methodology. **The Review of Economics and Statistics**, v. 33, n. 2, p. 145-151, 1951. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1925877>.

SCHUMPETER, Joseph A. **The Theory of Economic Development: An Inquiry into Profits, Capital, Credit, Interest, and the Business Cycle**. Cambridge: Harvard University Press, 1949.

SCHUMPETER, Joseph A. The Explanation of the Business Cycle. In: CLEMENCE, Richard V. **Essays of J. A. Schumpeter**. Cambridge: Addison-Wesley Press, 1951.

SCHUMPETER, Joseph A. **Economic Doctrine and Method**. London: George Allen & Unwin Ltd, 1954.

SCHUMPETER, Joseph A. **History of Economic Analysis**. London: George Allen & Unwin Ltd, 1955.

SCHUMPETER, Joseph A. Max Weber's Work. In: SWEDBERG, Richard. **The Economics and Sociology of Capitalism**. Princeton: Princeton University Press, 1991a.

SCHUMPETER, Joseph A. Comments on a Plan for the Study of Entrepreneurship. In: SWEDBERG, Richard. **The Economics and Sociology of Capitalism**. Princeton: Princeton University Press, 1991b.

SCHUMPETER, Joseph A. A Instabilidade do Capitalismo. In: IPEA. **Clássicos de Literatura Econômica: textos selecionados de macroeconomia** 3ed. Brasília: Ipea, 2010.

SHIONOYA, Yuichi. **Schumpeter and the Idea of Social Science: a Metatheoretical Study**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

SHIONOYA, Yuichi. Joseph Schumpeter on the relationship between economics and sociology from the perspective of doctrinal history. In: SHIONOYA, Yuichi. **The German Historical School: the historical and ethical approach to economics**. London: Routledge, 2002.

SHIONOYA, Yuichi. **The Soul of the German Historical School: Methodological Essays on Schmoller, Weber and Schumpeter**. Boston: Springer, 2005.

SWEDBERG, Richard. Joseph Schumpeter and the Tradition of Economic Sociology. **Journal of Institutional and Theoretical Economics**, v. 145, n. 3, p. 508-524, 1989. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40751224>.

SWEDBERG, Richard. **Schumpeter: a biography**. Princeton: Princeton University Press, 1991a.

SWEDBERG, Richard. Major Traditions of Economic Sociology. **Annual Review of Sociology**, v. 17, p. 251-276, 1991b. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2083343>.

SWEDBERG, Richard. Can Capitalism Survive? Schumpeter's Answer and its Relevance for New Institutional Economics. **European Journal of Sociology**, v. 33, n. 2, p. 350-380, 1992. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/european-journal-of-sociology-archives-europeennes-de-sociologie/article/abs/can-capitalism-survive-schumpeters-answer-and-its-relevance-for-new-institutional-economics/00F6AD16347343EA19C9C97ECEBC2F01>.

SWEDBERG, Richard. On the Relationship Between Economic Theory and Economic Sociology in the Work of Joseph Schumpeter. In: SWEDBERG, Richard. **Explorations in economic sociology**. New York: Russel Sage Foundation, 1993.

SWEDBERG, Richard. Schumpeter's Vision of Socioeconomics. **Journal of Socioeconomics**, v. 24, n. 4, p. 525-544, 1995. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1053535795900012>.

SWEDBERG, Richard. The Economic Sociology of Capitalism: Weber and Schumpeter. **Journal of Classical Sociology**, v. 2, n. 3, p. 227-255, 2002. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1468795X0200200301>.

YAMAWAKI, Naoshi. A eulogy on the late Prof. Yuichi Shionoya, 1932-2015. **Evolutionary and Institutional Economics Review**, v. 12, p. 235-236, 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40844-015-0021-2>.